

PIRÉ

REVISTA LITERÁRIA



EDIÇÃO Nº 17
ANO 2
AGOSTO/2020





Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Navegando em mares digitais, vi reproduzida uma citação de Djamila Ribeiro: “como negra, não quero mais ser objeto de estudo e sim sujeito de pesquisa”. É uma bonita frase, mas não deixa de ser contraditória, aponteí no post alheio. Ponderei – qual é o objeto escolhido pela estudiosa?; uma pesquisa não deve sempre ter um sujeito e um objeto?; a condição racial não é um objeto de estudo?; a condição social não é um objeto de estudo?; a condição sexual não é um objeto de estudo? Não demorou para que outras pessoas se voltassem contra mim – você está criticando Djamila Ribeiro? Sim, estava. E daí?! Até mesmo na academia, onde não deveria haver catecismos, há o cacoete do argumento de autoridade como se a citação conferisse patente ao discurso de quem o reproduz. É uma frase boa, ma non troppo, ora bolas!

A fixação em frases de efeito, apelos retóricos que impactam com objetivo de “lacrar” pode conduzir a perplexidades lógicas. Esse é um dos muitos casos em que a comunidades de fieis da igrejaíinha ideológica reage com uma crítica ad hominem, exatamente a mesma reação que tanto condenam. Evidentemente que entendo a colocação da estudiosa: Djamila cansou-se de ser objeto de estudo e foi em busca da própria voz, assumindo o protagonismo na pesquisa e na formulação de um ponto de vista. No entanto, ainda que seja a frase tenha a melhor das intenções, não se sustenta. Qualquer autor e qualquer crítico pode (e deve) ser objeto de estudo. É muito natural que o discurso seja analisado. “Como negra”, é a primeira e mais óbvia secção a fazer na fala de Djamila, talvez o segmento mais polêmico, embora não seja o mais relevante para o debate. A frase pode ensejar uma boa reflexão sobre sujeito e objeto no discurso científico – esse sim um tema que provoca brotoejas nos pesquisadores.

“Como homem”, “como branco”, “como escritor”,

“como pai”, “como estudante”, “como editor”, digo que... Trata-se de uma apresentação autobiográfica, não? Uma espécie de papel timbrado daqueles que pretendem uma audiência cativa e sacam do bolso o cartão com o nome, a profissão, telefone e o endereço comercial. A crítica anda fazendo a mesma coisa. Antes de apresentar a pesquisa, entrega-se o cartãozinho – pesquisador negro, branco, gay, hetero, rico, pobre, jovem, velho, especialista, mestre, doutor e, mais modernamente, pós-ultra-mega-plus doutor. É a velha frase “você sabe com quem está falando” às avessas. Importa considerar o pesquisador e sua condição existencial tão importante quanto o resultado da pesquisa. Aplicando essa “carteirada intelectual”, deveremos validar as conclusões teóricas de um autor sob o ponto de vista da representação social ou, pior, invalidá-las. Comigo não, violão!

O “local de fala” é uma das muitas variações do pensamento classista. Como qualquer outra ponderação acadêmica, deve ser levada em conta com seriedade e escrutinada para saber se resiste. Aliás, a crítica da crítica não é um movimento novo. Descortina o recorte temático, a intenção estética, a seleção ideológica. Contudo, esse exercício tem como objeto a crítica, não o crítico. Se a leitura eminentemente biográfica é o que há de mais pueril para mensurar a complexidade do texto literário, por que a crítica biográfica do crítico também não o seria? Esse movimento de (in)validação teórica de acordo com “quem está falando” milita contra o teórico porque sempre o reduz, segmenta, classifica, padroniza e estigmatiza. Sendo assim, poderemos aplicar a mesma lógica à própria crítica (ou ao crítico), invalidando o argumento por ter partido de uma biografia comprometida com um determinado ponto de vista. O pensamento é autorreferente e conduz a conclusões circulares. A última coisa que precisamos é de mais uma estante para segmentar a livraria.



SUMÁRIO

2	Editorial
6	Agnaldo Lima
8	Alexandre Pilati
14	Caio Ribeiro
16	Carlos Silva
18	Clark Mangabeira
20	Edson Flávio
22	Eduardo Mahon
24	Everton Barbosa
26	Gabriel de Mattos
28	Iael Aguirre
30	Jaqueline Oliveira
32	Cipriano Souza
36	João Bosquo
38	José Danilo Rangel
44	Klaus Henrique Santos
46	Lorenzo Falcão
48	Lucas Lemos
50	Lucinda Persona
52	Marta Cocco
54	Rubenio Marcelo
56	Stefanie Sande
58	Thamara Parteka
60	Walesca Cassundé
62	Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Agnaldo Lima, Alexandre Pilati, Caio Ribeiro, Carlos Silva, Clark Mangabeira, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Gabriel de Mattos, Iael Aguirre, Jaqueline Oliveira, João Bosquo, José Danilo Rangel,

Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Marta Cocco, Rubenio Marcelo, Stefanie Sande, Thamara Parteka, Walesca Cassundé, Anna Maria Ribeiro.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Cypriano Souza

DISTANTE NORMALIDADE

Alguns...
seres de sinistra face
e fome desatina
em desamor diziam:

E daí,

Síria
Sol nascente
Marajá do Sena
Moçambique?

Outros,
em meio ao martírio
desejaram branda dor
que antes sentiam.

No fundo...
há tempos
a normalidade
partiu nos braços da utopia.



Agnaldo Batista de Lima

É natural de Mariluz, PR. Licenciado em Letras pela Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso (2002). Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pelo ICE – Instituto Cuiabano de Educação (2004). Especialista em Gestão Escolar pela UFMT – Universidade do Estado de Mato Grosso (2010). Mestre em Letras pelo Profletras – Mestrado Profissional em Letras Unemat – Unidade *Campus* de Sinop, 2019. Tem artigos publicados nas áreas de Literatura, Linguística e Cidadania e Controle Social. Organizou a publicação de coletânea de poesias de alunos na obra *Um convite à leitura* (2011; 2012; 2014) e a coletânea *Poemas na escola* (2018). É professor na rede municipal de ensino de Alta Floresta, MT.



**Alexandre Pilati**

Nasceu em Brasília - DF em 1976. É poeta e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília UnB. Publicou quatro livros de poemas: sqs 120m2 com dce (NTC, 2004); prafóra (7Letras, 2007); e outros nem tanto assim (7Letras, 2015) e Autofonia (Penalux, 2018).

[CARACOL]

livros que li

esta casca
de peles e palavras

esta casa
de danças e dilema
que me fiz

patuá de afetos
que me protege
por dentro de mim

[RÉQUIEM PEQUENO]

à janela
impassível arrepio
olho o jardim feito o vidro
os olhos
bem abertos
à bela imagem do desamparo
a flor
pétala dormente
aponta os pés para o zênite
só eu
sou capaz
de guardar essa flor aqui dentro
jardim outro
não há onde caiba
a eternidade que se eletriza no perecer

[BATE OUTRA VEZ]

ei pombos de aço
de pedra que habitam
elétricos dentro do meu peito

aquietem-se acalmem-se
esta gaiola de carne e pejo
prende-os e todavia os ama

juntos vamos ao fim do caminho:
é certo é justo eu quero e eu preciso -
sem estes arrulhos sou uma coisa sem revolta

mas não vistam tantas patas de cavalo
não cisquem não sapateiem tanto
assim as cãs do meu coração

prestem atenção neste corpo
de pinho que vem agora ao meu socorro
sintam este abraço de calma

em que me segura o violão
com que disfarço o desespero
em que me abrigo do tempo

não pesem tanto
não bulham: "é pau, é pedra,
é o fim do caminho"

é apenas outra espessa promessa
de vida leve pra quem sente
saudades de ser apenas passarinho.
não pesem tanto
não bulham: "é pau, é pedra,
é o fim do caminho"

é apenas outra espessa promessa
de vida leve pra quem sente
saudades de ser apenas passarinho.





[PALMA]

o que está tão longe daqui e
que dentro está espaço real
incluso o que aqui tenho e esqueço

não serve na largura humana
da mão pequena queimada do sol
covarde que fez pequena imprática

entre dedos êxito algum entra grande

a não ser que seja feito grão seco
miope rígido doído selvagem
ponto apenas olho cego e resto

o mundo não se dá não desce
goela abaixo não cabe no molde
do modelo humano de um corpo

ao ser mindinho é que dá conta
do tudo tecido do substrato econômico
que mora tão longe no arco de uma órbita

o poema, flor feita, abraça a estratosfera
ensina no silêncio o que ela beija do sistema

RANDOM RONDON

se de todo
modo a
mão se
move

a vida se
morre

e o vão se
envolve

o buraco
absurdo de abstrato
pode ser lançado
pelo homem mais fraco.

se a esquina dobra
pra vida
e o horizonte se oculta
como pode
ver a culpa
no monte
que se
amplia?

não viro as
costas para
qualquer frente fria

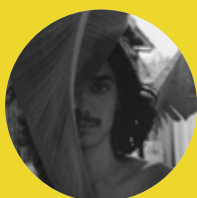
deixo que me acerte em cheio
que me sangue o
narizpírito
e me faça rir

desbravar
é como
dobrar um
corte
com o grito

descortinamento
das retinas - um processo
para quem busca
invisão.

provavelmente
as provações de cristo
não foram as últimas
provas,
mas não há prontuário
que o
promova.

dói ver
porque
o olho puxa com força
pra dentro - e
lá dentro
nem sempre é
carnaval.



Caio Augusto Ribeiro

É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réqueim Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes híbridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.



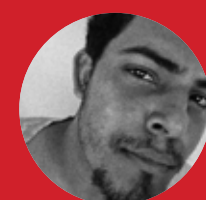


DISTOPIA

Das utopias
à fogueira dos renegados
dos quais,
em degradação,
se destituem.

Pretérito indefinido
de que as cinzas
dos “invertidos”,
por contrário serem
à crença distópica,
morreram.

Presente-nada-perfeito
onde o sangue ecoa pelas
artérias da cidade
e o arco-íris
reprime sua
face.



Carlos Silva

Nascido em Limoeiro, PE, sob o sol em Aquário, é professor, escritor e pesquisador. Um dos 109 selecionados no Prêmio Poesia Libertadora (2019), pela Absurtos Editora e participou da Antologia Ruínas (2020), da Editora Patuá.

SANTA MARIA DAS BONECAS RUSSAS

Quando me olharam, me criaram. Eu fui colocado dentro de uma morte e, essa, em uma vida. Encaixaram todo o conjunto em um corpo; esse, em uma família. A família em ideais que, dentro de um mundo qualquer, amarraram-se bem presos. Em vão, lá no interior, eu me debatia, procurando entender o que quer que fosse que eu achava que conseguiria saber. Antes de sequer ter consciência de mim ou do existir, já estava delimitado dentro do tudo e do todo, abraçado ao que pensaram ser mais importante. Era tudo menos eu quem importava.

Foi aí que me olhei no espelho dos meus olhos, reluzindo no escuro isolado de dias escuros. Abri-os. Rasguei-os com vontade, jogando-os no chão. De dentro, tirei minha emoção, e, dela, a razão. Na razão estava encaixada uma nesga fraca da minha alma, de brilho leve e amargura grossa. Da alma, tirei os demônios e, deles, saíram os anjos e minha Santa: eram tudo que eu achava que queria ser, que deveria ser. Lacerei-os e, dos intestinos e útero Dela, sem que eu achasse que havia outra coisa, caiu a sombra do que era eu mesmo, um fiapo de qualquer pedaço de mim por inteiro que marejou meus olhos, rasgados lá pelo chão.

Parei por um momento. Precisava limpar o salgado da vista para ver. E então eu vi: o fiapo. Também o senti por espasmos intensos, ligado a tudo que tirei e que colocaram, demônios, anjos e Santa. Era aquilo que eu era. O fiapo de mim, eu todo no fiapo; um fiapo que se fazia apenas como Verbo, num conceito que nem sei bem se entendia direito, que nem sei se talvez conseguirei entender um dia, mas que sentia que era. Era algo. Eu era algo. O mosaico puido, a linha torta e tênue que estava lá dentro, o fio que saiu por último. Ao dar por mim, brincando com ele, percebi a amplitude do conceito ali amarrado na pequenez do mundo fechado em si, o seu quase significado ali escrito. O fiapo eram as barras da prisão, as de dentro e as de fora. Nada mais havia. Apenas isso e, nisso, eu.



Clark Mangabeira

Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.





Edson Flávio

Edson Flávio é cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de *Aldrava* (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

GÊNESE

olhar lento
c a t i v a n t e c a t i v e i r o .

mãos que (se
entre) laçam.

braços
abraços.

lábios molhados
macios
lentos

juntos
nós.

ITINERÁRIO DA DOR

soco no estômago.
s o c o
n o
e s t ô m a g o.

suor frio.
sudorese
fria
medo.
paralisiã.

raiva
r a i v a, muita
r a i v a.

traição.
solidão.

ALCOVA

levanto,
abro os olhos

abro a boca e engulo a dor.

... que a i n d a d ó i.

abro os braços.
caminho.

voosó
corro
vivo,

e me (re)ivento.

S
Ó.

CIMENTO AMADO

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
Como eu queria mais asfalto, mais fumaça, mais barulho
Abrir a janela e ouvir os gritos de pânico da ambulância
Anunciando que alguém morre e urge celebrar a vida

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
Os berros da vizinha que não suporta crianças no edifício
O pingado servido no imundo balcão de fórmica azul
Que exala o cheiro dos mendigos embriagados desde cedo

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
As florestas de concreto e vidro interditando o horizonte
Os pelotões de motoqueiros que avança no flanco dos automóveis
E levam consigo os retrovisores que só enxergam o passado

Se houvesse mais cidade na minha cidade
Eu caçaria anônimo pelo safari de concreto frio
Leria um romance alemão durante os engarrafamentos
E faria do decadente cinema pornô a minha segunda casa

Vem, cimento amado!
Apaga essa modorra da minha urbe desalmada
Varre o chão de terra, a mata torta, o barranco improvisado
Põe mais futuro nessa cidade abortada



Eduardo Mahon

43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.





Everton Almeida Barbosa

É filho de nordestinos vindos da região rural da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, para Cuiabá na década de 70. Vive em Tangará da Serra/MT. Nasceu em Cuiabá e se especializou em Literatura, desde a graduação e mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, até o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006. É também músico. Foi instrumentista e diretor musical da Cia. de Teatro Mosaico (Cuiabá) e membro do grupo vocal Candimba (Cuiabá). Hoje coordena o projeto Corpo & Cordas, de música, poesia e contação de histórias, na UNEMAT em Tangará da Serra.

ARROZ

Plantar
colher
bater
debulhar
jogar pro alto
ao vento
que leva a palha
e deixa o grão

Guardar
comer
trocar
vender
levar à feira
ao centro
voltar com malha
de algodão

Vestir
dormir
levantar
roçar
semear
olhar o sol
atento
ao que trabalha
à ribação

Deitar
rezar
amar
sonhar
esperar
ganhar a palma
o tempo
o que lhe valha
a redenção

Caiar a casa
beijar Maria
cheirar a rosa
lembrar do arroz
da plantação

SINDERELLA

Sindy, ou Sinderella Indayara Ferreira Ubaldino, estava muito triste por não participar de nenhum baile. Ela queria ir ao baile funk da Arena do Pancadão, ali no pé do Morro da Minhoca. Tinha certeza de encontrar ali o seu príncipe. MC Princep, o líder da balada, quase o rei do pedaço.

Claro, MC Princep não conhecia Sinderella, não sabia de sua triste sina de supergata borralheira; funcionária em estágio de experiência da BrilhoLimp Serviços Gerais, atualmente lotada na faxina do Juizado Emergencial de Pequenas Causas da 34ª Vara Cível. É, aquele prédio caindo aos pedaços, perto do ponto final do 427 (Vila Universal – Morro da Minhoca).

Mas nossa princesa sonhava, sonhava apoiada no esfregão cheio de água sanitária, nos metros iniciais do longo corredor sombrio do JEPeC 34.

Sua sina se completava com os maus tratos da madrasta, média funcionária da administração municipal, amasiada com um empresário casado, do qual ninguém sabia que empresa tocava. Apesar dos bons pistolões, nada utilizava para ajudar a vida da enteada, condenada ao rodo e ao esfregão. Tudo canalizava para as duas filhas mais velhas, produto paralelo do obscuro empresário. As duas já estavam encaminhadas, sendo caixas de afamada e movimentada loja de ponta de estoque ali próxima ao centro da cidade. Com as sobras do fim do mês, as duas estavam sempre em dia, com os figurinos da moda recentemente recolhida

E assim as duas se preparavam para o grande baile funk da Arena do Pancadão. Menosprezando a trabalhadora Sinderella.

- Nós vamos arrasar, Sindy. Olha só nossos shortinhos de cores berrantes, nossos bustiês de lantejoulas, não vai ter pra outra popozuda no pedaço!

Pobre Sinderella, que tinha de deixar o minguado salário com a madrasta e nunca teria fundo de garantia.

Nossa pobre coitada só tinha uma amiga, sua tia Fadrinha. Ou melhor Fátima da Farinha, do Box 48 do Centro de Abastecimento da Sub-Região de Peixoto Gomes, Zona Noroeste. Poderosa na comunidade, participativa e militante de vários movimentos ali do Morro da Minhoca; tinha pela sobrinha distante um amor sincero e genuíno, apesar de pouco conseguir influir na autoridade da madrasta.

- Oh, como sou infeliz, Fadrinha. Minhas irmãs sequestram qualquer roupinha mais tcham que eu consigo. Para ir ao baile só tenho meu vestido domingueiro de boa evangélica! – reclamava ao celular a coitadinha, trancada no quarto minúsculo do puxadinho ao lado da cozinha.

- Que é isso, Sindy, você faria sucesso até sem vestido. Se bem que a segurança não te deixaria entrar, você não faz parte do grupo de dança.

E já se ouviam os primeiros estrondos ao longe, lá na tão longínqua (para Sinderella) Arena.

Mas Fadrinha tinha lá seus segredos, e conseguiu desviar de seu caminho um grupo da divisão de alegorias e adereços do Grêmio Recreativo Amigos da Minhoca, que trazia de volta vários badulaques usados no show da Churrascaria Vaca no Espeto.

- Temos pouco tempo, Sindy, a gente te leva até lá no maior chiquê, mas tu debes voltar ainda no último 427. Escolhe aí o que quiser, só devolve depois, via Dona Fadrinha.

E ela foi estonteante, com miçangas e colares, biquini prateado e saia aberta rodada. Levou-a no carro alegórico oficial o ajudante de cabeleireiro Zezinho Bem-me-quer, de libré a D. João VI.

Foi um estouro, bem acima dos decibéis do pancadão reinante. MC Princep pulou em cima daquela supergata ex-borralheira. E sobrou alegria e descontração, com o convite dele, assoprado aos berros no ouvido dela, para “reinar no meu harém”. As irmãs bem que desconfiaram daquela descontraída, mas acabaram sendo levadas pela turba.

No entanto, a hora do último 427 chegou, e Sinderella teve que recolher a rebolada final e disparar para o ponto. Deixando atrás dela um rastro de desolação e desânimo. Que durou exatos dois minutos e quarenta segundos.

Não ficou o sapatinho, que aliás era uma botina militar de cano alto. Caiu um piercing do umbigo a mostra, que o MC Princep colocou bem visível no nariz, como chamariz para sua princesa. O problema é que não era o único piercing naquele lugar, o que dificultou bastante a visualização.

Sinderella fugiu de casa. Virou desta que na Amigos da Minhoca, mas sempre dá umas voltas num baile funk. É, até que viveu feliz para um curto sempre.



Gabriel Francisco de Mattos

Continua sendo arquiteto, professor universitário, Mestre em Educação e Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea. Quer ser mais alguma coisa ainda, vai tentando por aí.



PSICOGRAFIA

Aconteceu de repente. Foi um acidente, um tiro ou algum câncer. Não me lembro. Mas também não sinto vontade de saber. Como poderia? Não sinto mais nada. Morri, afinal! Quem chora é a viúva, a mãe, o órfão. O luto e a miséria ficam no plano de quem ainda tem hora. O mesmo vale para o gozo do inimigo, para a gargalhada do amante. Não há divagação na terra das botas batidas, e nela se perdem todos os devaneios, sejam eles sorrisos ou mágoas. Em morte, encontro pouco sentido ao buscar o esclarecimento de um final. No breu claro do nada, tudo é nulo. Há tanta luz quanto sombra. Me tornei um nó bem atado, quase cego. A maior sensação é, ironicamente, a falta dela.

Como poderia haver um céu, se aqui não tem chão? Não tem árvore para dar sombra, e não tem sol para queimar as costas. Não chove. Falta água, e falta sede. Não há comida para matar a fome, nem fome para matar. Também não há como matar, pois já morreu. A certeza é de que se algo está aqui, é porque está morto. Foi para o saco. Virou presunto. É o eterno empate que chega para todos. Zero a zero para o cosmos.

Não tem fogo eterno. Calor é uma irre realidade. O demônio está bem vivo, por aí, com vários nomes. Não se tortura um corpo sem tato. A dor acaba quando os olhos se encontram, e o futuro é anestesiado. Irrelevante. Fim. Se pudesse sentir falta de algo, seria do caos. Isso é o que define a vida. O silêncio da partida é ensurdecedor. Teria aproveitado os momentos de fúria, as depressões aterradoras. Me entregado mais as paixões fogosas, aos prazeres da carne e a embriaguez. Um pecadinho de vez em quando também não faria diferença, nunca fez. Se alguém um dia deu-me um corpo, e o encheu de desejos, foi para aproveitar enquanto era vivo. Agora, já foi, aproveite você, que eu não existo mais.



Iael Aguirre

17, é estudante do Centro Educacional Anália Franco, em Cáceres. Oscilando entre o mais dócil mel e mais ferrenha tortura, como o resto da humanidade, o jovem poeta Iael Aguirre descobriu na veia poética uma excelente ferramenta terapêutica para dialogar com os próprios diabos, tal diálogo proveniente de leituras literárias e pesquisas escolares, sendo a mais recente, estudos acerca da marginalização do meio artístico em sua cidade natal, sendo esta Cáceres-MT. Menino de muitas leituras e escritas, desde muito cedo embrenhava-se pelo gosto dos livros, sendo muito observado e incentivado em seu âmbito escolar pelas suas professoras de Linguagens, sendo as mesmas com o olhar sensível e atento, deu a este menino incentivos para se aproveitar da poesia, como leituras e tessituras como uma forma de acalantar suas inquietações.

UM POEMA PARA DEPOIS DO ÓDIO

Liguei para Ana, mostrei-lhe uma canção, o título “Para depois do ódio”. Queria tocá-la profundamente, queria tocá-la no coração.

Quando, enfim, terminou a canção. Ela perguntou-me: “O que é o ódio”? Confesso: não sabia o que dizer, fiquei um pouco confusa, perdida, sem resposta.

Foi quando eu olhei para um mendigo, e todas aquelas pessoas que passavam à sua volta, seguindo suas vidas como se aquele homem fosse invisível. Era o ódio.

Olhei para o marido que agredia sua esposa. Cheia de hematomas e visivelmente ferida, seu sangue escorria pelo chão. Encontrei o ódio.

Pensei em todos aqueles que passam fome, enquanto outros compartilham suas roupas e carros luxuosos e viagens a Paris. Ali vi o ódio.

Cheguei na favela, a pobreza, a desigualdade e o medo da bala perdida. Jovens tendo suas vidas interrompidas pela violência policial. O ódio caminhava ali.

Vi a maldade com que as pessoas tratavam os animais, como queimavam as florestas, poluíam rios e mares. Sabia que era o ódio.

Fechei os olhos, pensei na escravidão, milhares de corpos pretos, roubados e jogados dentro de um navio.

Capturados, perdiam sua identidade, sua cultura, demonizavam seus deuses, estupravam suas mulheres, tratavam-nos como animais, tirando-lhes a liberdade. Eu estava cara a cara com o ódio.

Respirei fundo, pensei no holocausto, na morte de milhares de homossexuais, ciganos, negros e judeus. Isso cheirava ódio.

Liguei a televisão, o repórter noticiava a morte de mais de mil crianças na guerra.

Nas imagens do campo de refugiados, aqueles meninos e meninas sob os escombros, haviam perdido suas famílias, estavam feridos, com medo e com fome.

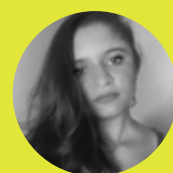
Desliguei a TV, não conseguia acreditar, o ódio estava por toda parte. Não, eu não podia aceitar. Saí de casa desesperada.

Na rua, homens insultavam uma travesti, batiam-na com um cassetete. Ela caiu desacordada, ferida. O ódio também estava ali.

Corri, queria fugir, estava com medo do ódio. Ele poderia me alcançar?! Eu gritava e gritava! Aquilo precisava parar.

Foi quando olhei para o céu e o sol estava se pondo. Aquele alaranjado que pintava toda uma gigantesca imensidão azul. Ali não vi o ódio.

Lembrei-me de Ana e, subitamente, me veio a resposta. O ódio é uma irracionalidade paralisadora. É o Amor que adoeceu gravemente. Foi quando eu orei e pedi ao universo que o amor se curasse.



Jaqueline da Silva Oliveira

É graduada em Letras/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente mestranda em Estudos Literários, também pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Sua pesquisa consciente em comparar obras de duas escritoras africanas, a poeta angolana Alda Lara e a poeta moçambicana Noémia de Sousa, com intuito de desvelar a produção literária dessas mulheres em um período em que, tanto Angola, quanto Moçambique demonstravam insatisfação com o totalitarismo implantado pelos colonos. E como estas mulheres usaram de suas vozes para denunciar e resistir a ditadura dos portugueses. Pesquisa também sobre feminismo, relações de gênero e a condição das mulheres negras na sociedade.



Cipriano Souza
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Cipriano Souza nasceu em 06 de novembro de 1970, no Arraial de São Domingos, Município de Manoel Vitorino, no sertão da Bahia. Vive em São Paulo há trinta anos, é um artista autodidata com primeiro grau completo.

Fez sua primeira exposição individual em 2002, na Galeria de Las Artes em São Paulo, e na mesma época a marchand Sabina de Libman começou a vender suas obras na Galeria Arte Aplicada da cidade de São Paulo.

Foi premiado na Bienal internacional de Vargem Grande da Serra-SP no ano de 2007 (prego de ouro em escultura e pintura), no salão de arte de Granja Vianna ganhou o prêmio exposição em 2003, participando de duas exposições coletivas, uma no clube Pinheiros e outra no Centro Brasileiro – Britânico, ambos em São Paulo. Em 2016 ganhou menção honrosa no salão de arte de Guarulhos-SP

Fez 11 exposições individuais em galerias e espaços culturais de São Paulo, no Museu do Café de Botucatu, Centro Cultural do Taboão da Serra- SP e Museu de Arte Popular de Diadema- SP

Participou de trinta e oito exposições coletivas, em São Paulo, Portugal (Lisboa, Alfandega da Fé e Porto), Alemanha (Frankfurt, Eschweiler e Kronberg im Taunus), MAP-Diadema, Museu de Britânia-Go, Casa de Apoio de Cotia- SP, Búzios-RJ, Guarujá-SP e Guarulhos-SP.

Possui obras em acervo no Centro Cultural de Suzano-SP, Centro Universitário FIEO-UNIFIEO, Museu de arte popular de Britânia-GO-MABRI, Consulado Geral do Brasil- Frankfurt-Alemanha, UNESP Bauru, Museu do Café- UNESP Botucatu, Palácio Nove de Julho – Assembleia Legislativa de São Paulo, Galeria Arte Aplicada- SP, MAP-Museu de arte Popular de Diadema- SP e Coleção Gilberto Chateaubriand.

Suas pinturas participaram dos eventos Casa Cor (2004,2005 e 2011) e Mostra Artefacto (2005 e 2006), além dos programas de televisão: Programa Hebe Camargo – SBT – 2004-Título da obra: “O Pássaro”, Programa Depoimentos – TV Assembleia- Título da obra: “O Vendedor de Pote”, Programa Manhã Maior-RedeTV-2010-Título das obras: “Amo Hermeto” e “Dgsberto” e Programa Sr. Brasil-TV Cultura-2014-Título da obra: “Menino e Pássaros” que mantém no seu cenário atualmente reprodução de telas do artista que participaram do especial 10 do programa na Sala São Paulo.

Em 2013 levou para as cidades de Boa Nova-BA e Planalto-BA o projeto pintura de murais, que teve o apoio da prefeitura das cidades. Atualmente reside em Ibiúna, passando a quarentena na chácara de um amigo, com planos de se mudar para Igatu, na Chapada Diamantina-BA.



DEPOIS DO AMANHECER

agora que amanheceu
abri os olhos
e vejo o sol passando
de lá para cá, lentamente
não sei qual cor
e a mais viva das cores

todas tem um sentido
de preservação
uma, sempre, procurando
se sobressair sobre as demais
embora o conjunto
forme a natureza

da cor da poeira
ao azul do infinito céu
me imagino em todas
enquanto lavo
a louça na pia.

O SOL PÓS-PANDEMIA

Acordei hoje... Antes de sair de casa, escovei os dentes, lavei os olhos como a oftalmologista ensinou e vi o sol nascer. O sol agora é um sol diferente, vejo com outro olhar aquilo que era comum, cotidiano. O sol, se agora vê alegria, as pessoas nas ruas, passos rápidos, rumo à escola, ao trabalho, ao espetáculo da vida, não pode dizer que não viu a tristeza encarcerada. O sol é testemunha: as portas estavam cerradas, o comércio lerdo, as pessoas desconfiadas, arredias com receio do vírus fatal... A lei do tempo, porém, não falha e tudo passa. Agora quem domina o ambiente é a energia, o vigor, a vitória emanados do sol. O poeta pousado em sua rede olha o mundo de amanhã como se fosse agora e concebe o sol como único motor para depois da pandemia.



João Bosquo

poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.



José Danilo Rangel

Nasceu em Itaitinga, interior do Ceará, em 1984. Em 1993, mudou-se, com a família, para Porto Velho, Rondônia. Embora gostasse muito de ler, detestava a poesia. Muito literal, não entendia o motivo de alguém 'dizer uma coisa querendo dizer outra'. Em 2006, contudo, apaixonado, escreve um soneto. E o declama. Começava ali a relação que dura até hoje, entre ele, a poesia e a musa. De lá pra cá, participou de muitos saraus, editou uma revista digital e teve poemas publicados em diversas coletâneas. Atualmente, produz zines e cordéis, distribui 'livrinhos de poesia', no projeto "Poesia Grátis" e mantém perfis literários nas redes sociais. Todo domingo, em sua página do Facebook realiza a live "Poeta ao Vivo", onde lê poesia, indica livros, entrevista convidados, etc.

SOBRE FURAGEM

Acabei de ler o livro de poemas da amiga Divanize Carbonieri, *Furagem*, o título. Comento aqui alguns motivos de ter gostado. Bastante. Ressalto que não sou crítico literário, sou poeta e leitor (e fã da poeta), então, vou falar o que me pegou. Sim, vai ser um discurso parcial. Talvez muito. E em tópicos:

01. CURTA E GROSSA

Os poemas são curtos, a autora não é do tipo que se derrama, ela concentra a força do que diz em poucos versos. Em *Furagem*, ninguém quer te vencer pelo cansaço, quer te pegar desperto e acertar a tua cara.

02. SEM SINAIS

A autora não usa sinais de pontuação, não há vírgulas, nem pontos, nem travessões, só palavras. Será que ela não sabe usar? Será? Sabe sim! Sabe tanto que prescinde. Ela maneja tão bem o texto que a gente vai lendo e se ligando nas pausas, no ritmo, no que está sendo dito.

03. FAUNA

Não lembro de ter visto flor ou planta nos poemas, lembro de um coqueiro, mas no mais, é bicho! Tem bicho que arranha, que morde, que ameaça, tem montaria, tem caramujo, peixe, víbora, lobas, etc. Fora isso, lâminas, objetos perfurocortantes e muita contundência.

04 SORORIDADE

Furagem é dividido em três partes e *Couraça* foi a que mais me chamou a atenção. Os poemas aí falam de ser mulher, e autora fala tanto como vítima quanto como quem entende a lógica que viti-miza. Não que o tema não respingue em outras partes, mas é aí que fala mais abertamente, com a raiva apontada para um alvo mais bem definido. Assim, a sororidade não aparece como apoio, surge nos momentos em que Divanize revela/expõe/denuncia (e avacalha um pouco) a lógica da opressão que pesa sobre os ombros dela e das mulheres em geral, a forma como ela retrata isso, com fúria e um tanto de deboche é espetacular. Eu até ri (de nervoso).

05. DOMA (Trecho)

a doma das mulas
começa cedo nas
salas das casas
doces devem ser
todas as moças
meninas mansas
para aceitar bem
o açoite no lombo
mas umas são lobas
(...)

06. O LIVRO É LINDO

O livro é lindo, bem acabado, folhas de qualidade, tem um cheiro bom, está em promoção e, pelo menos pra mim, chegou muito rápido. A capa é bonita também. A editora Tanta Tinta é outra que merece uma salva de likes.

07. O CONFLITO (TEM QUE TER)

Há um conflito, um em específico, uma tensão que vi, que senti, entre o modo como a autora se quer mulher e o modo como o mundo a quer mulher, mansa e amansada, bicho domado, mula. Ela até fala que fora esporada (vide Redoma). O lugar da mulher, seu enjaulamento, é questionado várias vezes, já que ela tem que se espremer inteira para caber lá; se espremer, se cortar, se calar e amputar as partes a mais.

08. RUGIDO

homem pode escrever coisa sem sentido
vai ser sempre celebrado
palminhas nas costas
premiado
minha cabeça oca foi escavada
até o fundo
o fundamento todo da histeria
é afirmar não ser história
o balbucio
o rugido
o grito
de quem está enjaulada
atrás de janelas
tomadas de
tijolos

09. JUSTA MEDIDA

Uma das dificuldades em escrever poesia com causa é ajustar forma e conteúdo, muitas vezes, a predominância do intento poético apaga a causa, noutras vezes, a preocupação em defender argumentos claros e objetivos, suprime o poético. Isso não acontece em Furagem, Divanize verseja sobre a situação da mulher em nossa sociedade com grande desenvoltura. Dá gosto de ler.

10. FEZ LETRAS

Não sei vocês, mas eu quando sei que a pessoa faz Letras ou é formada em Letras e diz que escreve poesia, já penso logo: Lá vem... Divanize é Doutora em Letras, apesar disso, não escreve enigmas





insolúveis. Bem, tem alguns poemas que requerem mais atenção, mas é questão de se familiarizar com a obra, nada que uma segunda leitura não resolva.

11. NA REDE

Tem bastante coisa da Divanize espalhada na internet e no meio disso, vários poemas de Furagem, outros do Entraves (que já procurei e li). Então, a gente pode ler e ter uma ideia do que vai encontrar no livro. Só que, quando a gente pega o livro, acaba encontrando muito mais.

12. CRIA ESPANTOS

Lembrei de mais uma coisa, a poeta fala de corpos grandes e gordos, fala de feiura, coisas cotianas, mas de modo muito original, tão renovado a partir da linguagem, tão outro, a ponto de fazer a gente ver aquilo de outra forma. Talvez ela dissesse que seu discurso é histérico porque afirmaram

“não ser história
o balbucio
o rugido
o grito
de quem está enjaulada
atrás de janelas
tomadas de
tijolos”

Mas ela sabe que é, por isso, balbucia, ruge e grita!

E por fim,

13. FEIURA

nunca seremos bonitas o suficiente
insidioso é que as belas são apenas papel
colorido repleto de fotos retocadas
no ímpeto de se levantar acorre a lembrança
você não é bonita então se acanhe
não arreganhe os dentes nessa bocarra
escancarada e mantenha-se calada
na cara a cútis arranhada do último
surto de ansiedade uma crise soterrada
você não é bonita e não pode pronunciar
palavra cultivada na lavoura da valia
a acusação da feiura será erguida sempre
que falhar a autocensura e emergir a ousadia
de ocupar a tribuna e se tornar protagonista

Na verdade, tem um extra.

14. ELA TEM FACE

A poeta tem perfil no facebook então, a gente pode adicioná-la e mandar um monte de pergunta, tietar, enviar poemas, bater um papo, elogiar de novo, enfim...

FURAGEM é uma grande obra. Recomendo.

MIRAGEM NOTURNA

Acontecia todas as noites, sempre às 18 horas. O relógio, pontual, nunca atrasava. Durante o dia, havia, naquele ponto, apenas um terreno baldio tomado pela vegetação. Assisti ao espetáculo centenas de vezes nos últimos anos. Pontualmente às 18 horas, o bar se materializava e junto dele os músicos e garçons. Expectador assíduo, cruzava diariamente o portão mágico. Era como se o ritmo frenético da noite anterior não houvesse sido interrompido, mas apenas paralisado e enviado aos confins do universo, para posteriormente retornar. Lembrando estátuas de cera as pessoas ganham vida e as cordas vocais retomavam o diálogo entre os garçons a partir do último pedido.

O bar ficava aberto até alta madrugada e se diluía com o nascer do sol. Numa das ocasiões em que a bebida me pôs para dormir na mesa, acordei no capinzal, com o sol forte acentuando a minha ressaca. Usava folhas e galhos como travesseiros. Desde então, decidi ficar. Meu domicílio tem sido nesse terreno há algum tempo. Juntei jornais e cobertores e passei a viver aqui, entre uma aconchegante moita de capim e um cajueiro, que me dá alimento.

Todos os dias, aguardo ansioso para que aconteça. Saio da toca no fim da tarde, limpo-me como posso e vou para o outro lado da rua esperar que a mágica mais uma vez aconteça.



Klaus Henrique Santos

Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).



FILME

dei uma escorregadinha
quando ia sentar-me
e quase caí por cima dela
no sofá da sala

ela tava me fazendo sala
mas eu a queria no quarto
e na cama
minha vontade própria

me olhou daquele jeito
que sempre costumava olhar
que eu nunca soube definir
se sim ou se não

uma hora dessas
ainda consigo assistir,
inteirinho, esse obscuro
objeto do desejo



Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

SILÊNCIOS

tomou chá
de ayahuasca
se debruçou sobre
pés de cannabis
quicou na pista agarrado
até amanhecer
foi no terreiro
de umbanda
glorificou a deus
de pé na famosa igreja
hoje vive
mais próximo de si
mesmo
que podia admitir
atravessado pelo
seu sangue conectado a
de repente
tantos
outros
silêncios



Lucas Lemos

É nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".



FLAGELO

Desatado – o flagelo avança
cada vez mais voraz
através do tempo e dos continentes
Imagens aportam de todos os lados
Há mais pombos do que pessoas
nas ruas de Madrid – diz a repórter
mostrando ao público mundial esse fato
E muito mais se vê por toda parte
enquanto a morte prossegue
Também na praça de São Marcos
(contra o sol brilhando em momento aziago)
há negros pombos em revoada
afiando garras e bicos.

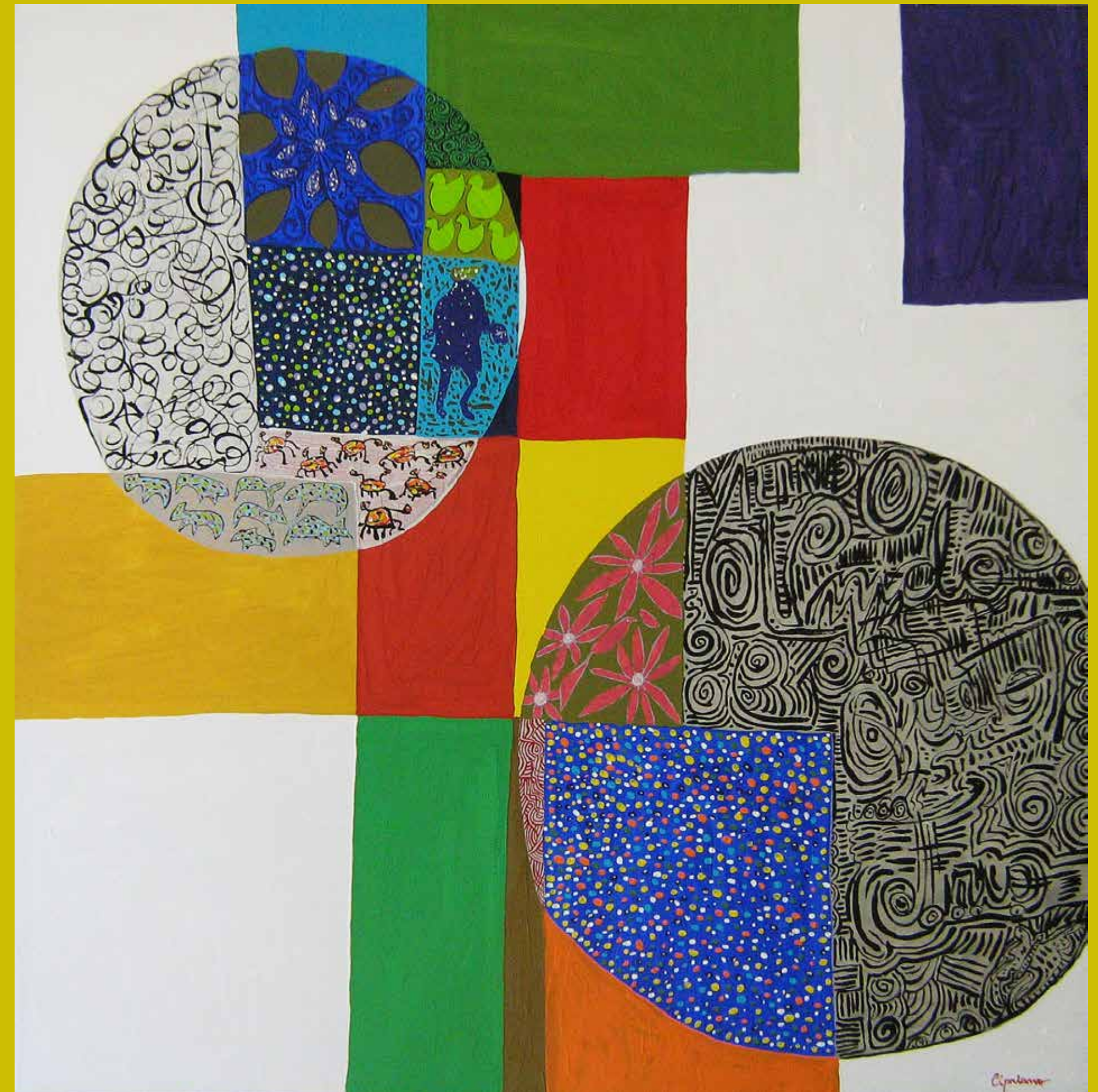
COISA DE NÃO SE CRER

Não sou desses
que andam a esmo
Sei
quando me encontro
no caminho certo
para me alcançar
e
coisa de não se crer
paro a poucos passos
de mim mesmo
Não sei me aproximo
ou viro as costas e fujo.



Lucinda Nogueira Persona

É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro *Por imenso gosto*. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).





EX-CERTO SUPRIMIDO DAS ESCRITURAS

É preciso fingir aturar por fora
e por dentro
elaborar o revide
retribuir o tapa
à outra face
ensinar como dói em si
o açoite que fere o outro
E só depois de a lição entendida
sentar à mesma mesa
e deliberar sobre o amor.



Marta Cocco

COTIDIANIDADES

I.

olhares absortos
cruzam-se
em absurdas vias triviais...

inda que intrusos
sobreolham-se
em degraus
encandeados de degredos...

II.

obscuros olhares
observam-se
e servem-se
e redimem as pálpebras habitadas
nas fronteiras do ímpeto...

– obstinadamente mentem
[nada obstante
as intrusas obsessões]

III.

obscenos olhares
abraçam-se sem acenos
nem incensos...

– em incêndios absconsos
abracadabram-se
nas abas
dos sentidos e cossenos
das exterioridades...

IV.

olhares abstratos
demarcam obstáculos
e aquietam-se
irrealizados de volúpias...

em sinuosas inconfidências
observam-se
e absorvem-se
servem-se
e absolvem-se
entre sarjetas e arranha-céus...



Rubenio Marcelo

É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro “Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural”, e o CD musical “Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo”. É um dos autores homenageados no livro “Vozes da Literatura” (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.



STEPHANIE SAYS

Meu quarto tem cheiro de incenso que não sei qual é. também de hortelã do chá na minha xícara de café. penso em energias e chakras e outras coisas das quais não entendo, ouvindo as dezesseis músicas com meu nome. nenhuma em português. ligo o modo *repeat* e imagino se alguma delas está na sua playlist. *the velvet underground* ecoa. canto junto em outra língua e as palavras tem um peso diferente. as coisas são sempre iguais até que não mais. digo também que meu nome latino-americano não tem esse ph anglo-saxônico. se esse é o mais próximo de mim, então estamos longe, acenando cada um de um lado na paisagem oceânica que um dia compôs chapada dos guimarães. você está lá e eu em cuiabá, afogada na água imaginária da baixada. talvez eles tenham razão. *it's all in my mind* e ninguém sabe se é bom ou ruim. morro sem saber das constelações da minha coluna. talvez esse seja o alinhamento natural.



Stéfanie Sande

É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

OS TRÊS DECRETOS

Os decretos fizeram uma reunião on-line para as próximas normativas. Um deles falou:

- Proibida à saída! O outro empolgado com a rima, disse:

- Proibida a bebida! Um mais arcaico reafirmou:

- Obrigatoriedade do uso de máscaras!

Então, todos juntos, em êxtase, gritaram:

- *Lockdown!*

Ah, meus amigos, os decretos não entendem nada de poesia.

As poesias não obedecem a decretos. Elas nascem dos arbustos, se espalham nos muros e fazem festa no céu.

Poesia é bicho esquisito, floresta selvagem... Brotam das grutas da memória ou da imaginação.

Hoje, mesmo,

Eu, quarentenista experiente,

Me encontrei com um Jazz

E fui parar em uma memória de Buenos Aires.

Por isso, eu digo, poesia é um troço perigoso.

Ela não respeita leis e nem obedece a decretos.

Esperem, vejam só:

Um poema hackeou a reunião, está ligando a câmera, ativou o microfone e gritou:

- Ele não!



Thamara Parteka

É uma pisciana desterritorializada. Prefere oceanos à margens, pois lá as fronteiras se perdem. Neta da lua e amante da arte, pincela palavras e escala bemóis, pois foi dessa maneira que se encontrou como sagrada, ela e sua paixão, a liberdade.



SONHO DE UMA NOITE DE OUTONO

O espelho reflete os lençóis amarfanhados
que evocam luxúria e evolam odores
de sexo e suor.
O corpo esvaziado de lascívia - acanhado,
em decúbito lateral - parece resignado
Com seu destino de tristeza e abandono.
Numa parede nos arredores,
Um quadro torto da Colombina solitária
combina com o panorama de realidade sombria.
Na face da menina de cabelos coloridos
ainda resta o brilho das purpurinas -
sem folia, sem alegria, sem serpentina.

PONTO FINAL

Meu eu secreto te deseja
E te repele com a mesma energia.
Nos sonhos deliro murmurando teu nome
- e louca, me enrosco em teu corpo despido;
desejos e fantasias realizam-se num átimo -
é pura magia!
Mas nem bem amanhece desperto
afasto-te da mente, respiro - e repilo
o inoportuno devaneio íntimo.
- Tu te impusestes um ponto final - me advirto;
nem adianta sofrer por quem sempre acrescenta
dois pontos em seguida do teu, se queres ir além numa história compartilhada com infinitas ... reticências.



Walesca Cassundé

Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.





HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

COISAS DE BICHOS

É tempo em que homens e animais conversam entre si e bichos vivem como gentes. A confusão começa quando a cascavel morde o pé da filha do gavião. Não resistindo ao veneno da cobra, a ave faleceu para grande infortúnio de seu pai. Inconsolável, chorava todas as manhãs. O queixume triste da ave de rapina chama à atenção da lagartixa que se aproxima intrigada com aquela nênia dolorosa.

Depois de saber do ocorrido, o pequenino réptil sai à procura da cascavel, sua amiga, para ter a certeza de que foi ela mesma quem matou a filha do gavião. Encontra um buraco onde moram um homem, uma mulher e seus tantos filhotes. No chão, próximo à família, uma flecha com a ponta manchada de sangue. A lagartixa não tem dúvida de que o malfeitor é mesmo a cascavel.

Levado à morada da família pela lagartixa e acompanhado do beija-flor, chega a vez da vingança do gavião, que empunha uma flecha fiska trifurcada e uma lança. Sondam o movimento ao redor da casa e permanecem, os dois, à espera da cascavel malfeitora que matou a menina. A função do pássaro beija-flor, uma mulher-espírito, é a de se achegar, em voos rasantes, bem pertinho da entrada da casa, a bater fortemente suas asas, provocando um estrondo semelhante ao do trovão, um espírito muito temido. Mas, somente os filhos curiosos da cascavel saem para olhar o céu que, ao contrário, não anuncia chuvas. Claro! É tempo da seca. A chuva está muito longe dali.

Outro beija-flor, de porte avantajado, chega ao local, levado pelo som do trovão. Ao saber do que está acontecendo, se junta à beija-flor para aumentar ainda mais o estrondo da trovoada. E, novamente, as crianças intrigadas saem para verificar a cor do céu, que continua sem nuvens.

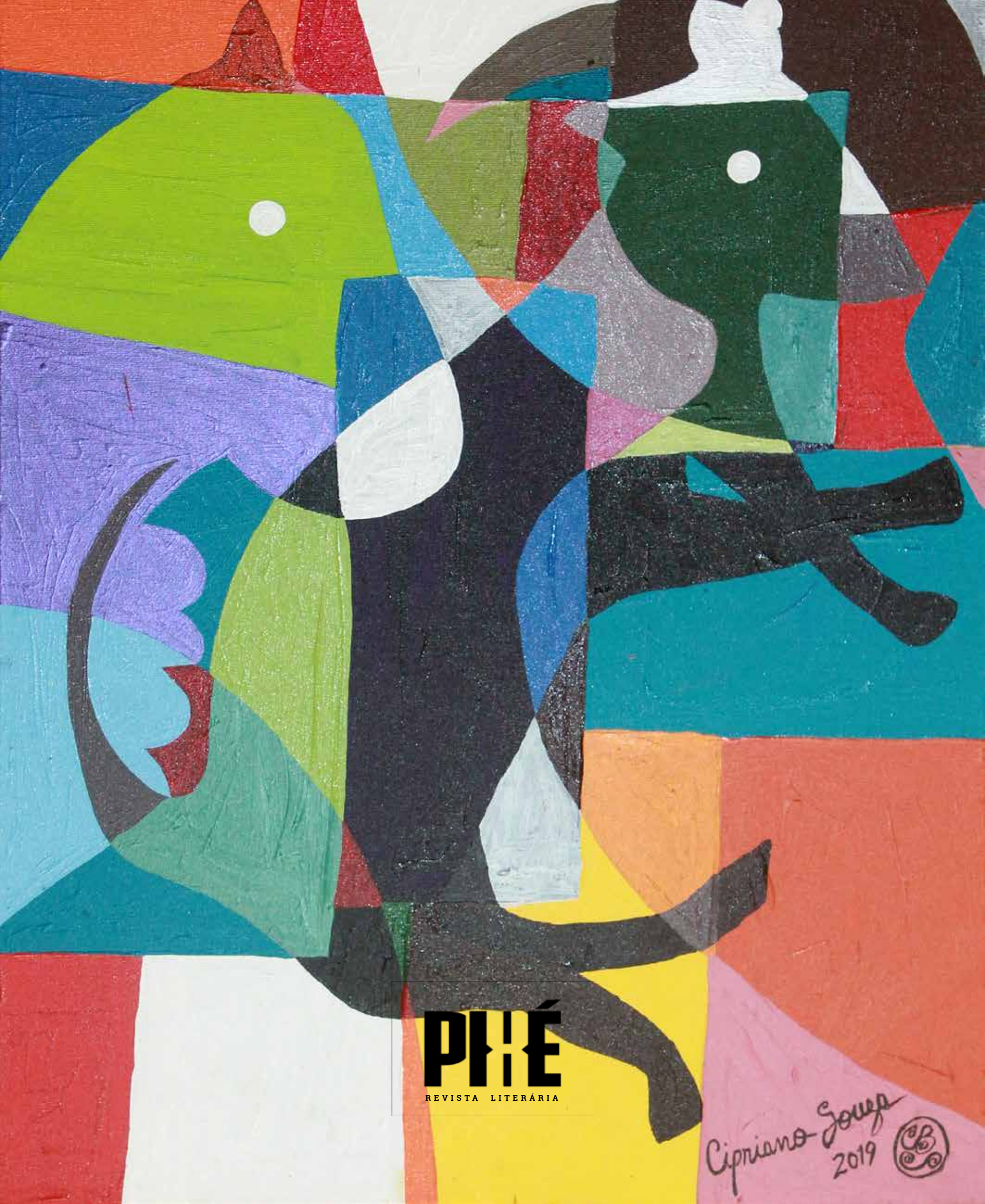
No dia seguinte, as três aves retornam à casa da cascavel. São incansáveis. Precisam se vingar da morte do filhote de gavião. Os beija-flores, ritmados, batem com vigor suas asas que fazem o casal de cascavel se impressionar com o vozeirão do espírito do trovão. O gavião, armado de flecha e lança, ataca fatalmente a mulher cascavel.

O corpo da cascavel jaz à frente da casa, enquanto o pai e as crianças permanecem acuadas num canto escuro da casa. Os beija-flores, em voo de retirada, olham para trás e avistam o gavião fazer a cascavel em pedaços.

Contam os índios que do sangue da cascavel empoçado no chão nasceram a aranha, o rato, a lacraia e a cobra de duas cabeças.



Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.



PIÉ

REVISTA LITERÁRIA

Cipriano Gouveia
2019 